

Salvador > saraus: quilombismos

Jamile Santana¹

Rool Cerqueira²

Valdeck Almeida de Jesus³

Carlos Bonfim⁴

Ela, que foi criada e mantida na guerra
Sem ciência de quem ao menos era
Desde cedo aprendeu a lutar
Teve que se manter, teve que guerrear
Ela saiu do podre daquelas mazelas
Da inexistência que o sistema pôs ela
Resistiu a dor da transição
Só para existir, só pra ser mais
Ela se revirou e se viu pelo avesso
Fez pra ela um novo começo
E passou a reconhecer...
Sua pretidão o quanto é bela
O quanto ela ama o quanto ela rega
E agora ela cuida de quem tá com ela
O quanto ela gira o quanto ela gera
O quanto ela cura... O movimento é ela!
(Jamile Santana / Ela movimenta)

Assim finalizo uma das poesias de minha autoria – uma das que melhor

¹ Poetisa, compositora, graduanda em Bacharelado em Humanidades: com perspectivas de estudos de África e diáspora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (BA), educadora social e coordenadora artística na ONG Movimenta La Frida.

² Jovem negra, periférica, lésbica, slammer, poeta, Bikuda (cria do quilombo educacional Steve Biko), graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia e integrante do Coletivo ZeferinaS.

³ Escritor, poeta, jornalista, editor, ativista cultural e mecenas do Prêmio Galinha Pulando de Literatura desde 2005. Autor de mais de 20 livros, coautor de 150 antologias, tem textos publicados em inglês, português, italiano, alemão, holandês, francês e espanhol. Embaixador do Parlamento Internacional de Escritores da Colômbia, Membro-fundador da União Baiana de Escritores – Ubesc e do Fala Escritor (2009).

⁴ Coordena o projeto de extensão Latitudes Latinas, dedicado à difusão da música e da cultura latino-americana (www.latitudeslatinas.com) e do projeto Rede ao Redor, cartografia de iniciativas juvenis em arte, comunicação e cultura, ambos vinculados ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, onde também é professor.

descreve uma realidade não só minha, mas de muitas outras mulheres negras que passam por um apagamento identitário e que ao se descobrirem negras é como se tivessem descoberto um novo mundo. É como se saíssemos de uma caverna, de um poço escuro; como se tirássemos uma máscara de ferro e essa fosse a primeira vez que veríamos nosso rosto de verdade como ele é. Descobrir-nos negras.

Pronto. Abertos os trabalhos, abertos os caminhos. E o fazemos assim, na voz de Jamile Santana, autora do poema acima, do parágrafo que o segue e também coautora deste texto tecido a muitas mãos-peles-cabeças-sensibilidades. E assim seguiremos nós, Jamile Santana, Rool Cerqueira, Valdeck Almeida de Jesus e Carlos Bonfim – a convite generoso de Lucía Tennina –, alternando vozes, jeitos, timbres, gingas neste “sou” que é também “somos”, que é também muitxs. E tecemos este texto que, você vai perceber, alterna – feito um sarau – vozes, leituras, escutas, escrevivências (esta feliz formulação de Conceição Evaristo). Isto para não falar em nome de ninguém, nem por representar ninguém. Afinal, cada voz se representa a si mesma nesta cena tão diversa e tão intensa. Que há confluências diversas, não há dúvidas. As preocupações, os temas, as agendas e as lutas todas *destxs* poetas convergem em diversos pontos. Afinal, é sobretudo contra o racismo estrutural que se insurgem estas vozes, estas vidas pretas, estas vidas vividas nestes muitos outros centros que alguns chamam “periferia”.⁵ Racismo que se traduz em baculejos⁶ de todo tipo, em chacinas, etnocídios, feminicídios, epistemicídios, em atropelos diários à dignidade; racismo que ganha forma – às vezes sutil, às vezes escancarada – em diversos episódios cotidianos de violência física e simbólica. Mas – vale advertir – não espere encontrar lamentos, vitimizações, miserabilismos. Ao contrário, como procuraremos evidenciar, o que está em curso hoje neste lugar historicamente tratado como um “subsolo social”, aqui, nas periferias deste lado do mundo, o que está em curso é sobretudo uma potente e vigorosa ofensiva cultural de muitos matizes.

O que faremos neste texto será uma muito sintética aproximação ao que vem rolando atualmente nas periferias de Salvador, particularmente nos mais de cinquenta saraus que existem hoje nesta cidade que abriga ainda iniciativas e coletivos diversos, dos quais falaremos brevemente também.⁷

⁵ As aspas aqui buscam sublinhar que “periferia” é termo carregado de sentidos diversos e muitas vezes pejorativos, desqualificadores. Há, por outro lado, um uso que busca exatamente colocar em xeque esses estigmas. Não voltaremos a usar aspas, mas teremos sempre presente que estamos ante uma palavra que mais oculta que descreve e que, portanto, está – felizmente – longe de consensos.

⁶ Baculejo é termo usado para se referir à revista / abordagem policial – e que é, via de regra, realizada em corpos que trazem os estigmas com os quais se etiquetaram juventudes, periferias, pobres, negrxs...

⁷ Um mapeamento (incompleto e ainda em processo) do que acontece hoje nas periferias de Salvador pode

Começamos situando a cena. Não para traçar genealogias, cronologias, histórias exaustivas e definitivas. Mas para evidenciar, a partir das escrituras de alguns poetas, algumas das tantas confluências que mencionamos acima, bem como o modo como se cruzam nesta cena biografias, inquietações, indagações, indignações e também rumos possíveis para existências tão poucas vezes tidas em conta nas histórias que se contam sobre este país. Antes de seguir, porém, muito barulho aí para receber Cairo Costa, da Juventude Ativista de Cajazeiras:

é a bala veloz / do branco algoz / que cala a voz / do jovem da favela;
favela que ouviu / o som de fuzil/ o corpo sumiu / bem-vindo ao
Brasil / [...] Será que é futuro se persiste o passado?/ Será que o
Estado é mesmo meu aliado? / Palavras bonitas do século XVIII/
Liberté, égalité, fraternité/ Vá se fuder, que esse migué eu não vou
comer (CAIRO COSTA, p. 30)⁸

Ela (ímã que aproxima e move) movimenta

Reparou que o poema de Cairo Costa dá conta de uma consciência, mas também de um tipo de raiva? Uma raiva digna, dessas que os zapatistas do sudeste mexicano, por exemplo, chamam de “digna rabia” – que é uma raiva que não envenena, mas que é um chamado à mobilização, à luta. Raiva digna, nascida da indignação. Indignação pelo modo como (não) nos contaram nossas histórias, indignação pelo descaso com nossa memória, com nosso acervo cultural, indignação pelo modo como são tratados esses tantos saberes, esses tantos modos de produção de conhecimento que nos constituem, mas que – dada a persistência de um colonialismo mental – desconsideramos. Naquela hoje viralizada conferência no TED, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie nos fala dos muitos perigos de uma história única. E história única foi a que nos contaram em nossas passagens pelas diversas instituições que colaboraram de modo substancial para formar nossa sensibilidade, nossos modos de perceber, entender e narrar o mundo.

Reparou também que o poema de Jamile Santana com o qual abrimos este texto fala dela mesma? Mas reparou que, se quisermos derivar nossa leitura, o poema fala também dessa poesia que hoje nasce, cresce, transita pelas periferias? Um poema que fala também do quanto gira e o quanto gera a poesia preta e periférica... Sigamos no movimento com Jamile Santana, situando historicamente as

ser conferido na página do projeto *Rede ao redor: cartografia de iniciativas juvenis em arte, cultura e comunicação em Salvador*. (<http://redeao redor.blogspot.com/>). Trata-se de um esforço por conhecer, divulgar e conectar as diversas iniciativas idealizadas / protagonizadas por jovens destes nossos outros centros.

⁸ Poema incluído na antologia *Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia Soteropolitana*, de onde saem também todos os demais poemas citados neste texto. Daqui em diante, informaremos apenas os nomes *dxs autorxs* e as respectivas páginas. Os dados completos do livro estão nas referências bibliográficas.

poéticas e combativas trajetórias, sublinhando muitas e tantas confluências: *minha pele escura nunca me deixou escolher ser alguma coisa distinta do que a minha pele afirmava. “Morena, mulata, neguinha” foram palavras que por um bom tempo significaram um refúgio positivo para amenizar a dor da negação que eu sentia por ser preta. Isso, até a poesia chegar em mim. Aconteceu no Sankofa, um bar situado no Pelourinho, onde desde 2009 acontecia o fervo da poesia negra em Salvador: o “Sarau Bem Black”, apresentado por Nelson Maca. Quem comandava a trilha sonora era o DJ Joe e na abertura tínhamos o grupo de rap Opanijé, que abria os caminhos para começar o sarau cantando para Exu. O sarau acontecia toda quarta-feira e era sem dúvida o melhor dia da minha semana. Percebi dentro do Sarau Bem Black que poesia não precisava de linguagem formal nem de todo lirismo que eu lia nos livros de literatura brasileira. Descobri que aquilo que viria a ser chamado de “poesia marginal” era o caminho que eu queria trilhar; era minha chance de falar o que eu sentia e reverberar minhas reflexões. Tudo através da poesia. Cada quarta-feira era um novo encontro: mulheres e homens negros no mesmo espaço, fomentando a cultura negra e iluminando mentes através de versos. Aprendi a aprender a questionar-me a mim mesma e o sistema à minha volta. Comecei a recitar no Sarau Bem Black, comecei a escrever minhas poesias sem medo da linguagem que eu iria utilizar nelas, comecei a ler mais sobre mim e sobre os meus. Foi também no Sarau Bem Black que conheci aqueles que logo viriam a ser meus irmãos de palco e de vida: Carlos Leleco, poeta arretado que amava fazer poesias com um sotaque sertanejo arrastado; MilSoul Santos, que com seus pequenos dread locks queria entrar na alma das pessoas com suas poesias transcendentais; e Pedro Lucas, o poeta mais visceral e mal-encarado que conheci em toda minha vida. Com eles juntamos musicalidade e poesia e criamos o Coletivo Boca Quente. Logo convidamos outros parceiros: Jeferson Conceição, Djailton Magalhães e uma grande parceira que chegou com toda sua força uterina para comigo ampliar as vozes das mulheres negras na poesia baiana: Ayrán Reis, mulher, negra, mãe, nordestina, atriz, poetisa, arte-educadora, produtora, cria do Quilombo do Beiru e graduanda em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia.*

Voltaremos em breve para falar dos perfis *destxs* poetas-ativistas e do que isto representa para esses contextos. Por enquanto, vale destacar que o Sarau Bem Black – inspirado, por sua vez, nos saraus da Cooperifa, de São Paulo – funcionou como fecundo espaço de acolhimento, de formação e de inspiração para diversas outras iniciativas surgidas na cidade nestes últimos anos. E estas, por sua vez, inspiraram outras e outras e outras. Ouçamos, então, o relato sobre esta cena tal como vivida por Valdeck Almeida de Jesus, poeta, jornalista, incansável animador cultural e editor responsável pelo selo Galinha Pulando, sobre o qual falaremos também a seguir: *Apaixonado pela palavra, nasci numa família de pais analfabetos, na periferia de Jequié-BA. Órfão de pai aos dezesseis anos, ensinei minha mãe a ler e*

a escrever. Publiquei meu primeiro poema em 1984, numa antologia organizada por Christina Oiticica para a Shogun Editora. O nome da antologia: Poetas Brasileiros de Hoje – 1984. Em 2005 criei o concurso literário e o selo Galinha Pulando, a partir do qual editamos até o momento mais de 15 livros com poetas de várias partes do mundo. Em agosto de 2009, fui convidado a fazer parte do Fala Escritor, projeto que em seus encontros mensais reúne poetas, escritores e artistas da palavra em geral. Alguns anos antes, havia começado a ler sobre o projeto Poetas na Praça, movimento popular de resistência à ditadura militar, cujos participantes se apresentavam na Praça da Piedade para protestar e denunciar – através de poemas e performances – os desmandos daqueles tempos. Coletivos dedicados à poesia, mas sobretudo ao ativismo, há diversos nesta cidade onde nasceu um Gregório de Matos Guerra, por exemplo. Além dos Poetas da Praça, muitos deles ainda em atividade, outros grupos começaram a surgir na capital baiana. Ao final da primeira década de 2000 não era tão grande o número de saraus, ou não havia uma maior visibilidade, o que pode ter camuflado a existência e a atuação de poetas e poetisas pela cidade. Em 2009 o Sarau Bem Black começou suas atividades e durante muitos anos ocupou espaços no mais que simbólico bairro do Pelourinho, que – vale sempre lembrar – é também lugar de memórias cujas cores têm matizes bem diferentes do que costumam figurar nas alegres fotos-postais de quem por ali circula desmemoriado... Pelo Sarau Bem Black transitaram poetas, vozes e sensibilidades locais e de outras latitudes, como Conceição Evaristo, Marcelino Freire, José Carlos Limeira, Alejandro Reyes, Gog, Cristiane Sobral, Ellen Oléria, Allan da Rosa, Sergio Vaz e tantxs outrxs – que, por sua vez, dividiram espaço e microfones com jovens criadorxs dos mais diferentes bairros da cidade. E havia, claro, muito mais que poesia: o Sarau Bem Black acolheu também desde sempre em sua programação diversas outras linguagens artísticas: dança, teatro, cinema, música, artes visuais etc. E o que poderia resultar quando num mesmo espaço-tempo coincidem as artes destxs poetas/artistas e as de jovens artistas locais que até havia bem pouco pareciam ter assumido que não contavam e que, portanto, não tinham nada para contar? Toneladas de dinamite poética, de potência política, de aprendizados, de reexistências. Tanto que dele surgiu, em 2012, o Sarau Bem Legal, também coordenado por Nelson Maca e que acolhe a produção literária de crianças e adolescentes de diferentes bairros da cidade. Ou seja, temos novas gerações se formando nestes espaços ignorados pelas escolas e instituições afins...

No convívio com o Fala Escritor conheci outros grupos e fui me espalhando por Salvador. No próprio Fala Escritor ouvi de uma visitante que a poesia estava morrendo, que os velhos estavam levando para o túmulo o gosto pelos poemas, que os jovens não gostavam de poesia. Como nunca aceitei “verdades”, ficava calado. Mas fui em busca de respostas e as encontrei nos coletivos artísticos dos arredores da cidade, nas periferias, nas quebradas. Nem a poesia estava morrendo nem os

jovens eram os vilões. Pelo contrário, nos últimos anos o número de saraus aumentou exponencialmente. Em 2011 – inspirado também no Sarau Bem Black e no Sarau da Cooperifa – surge o Sarau da Onça, em Sussuarana. Gerido pelxs poetas do Grupo Ágape e com participação entusiasmada de poetxs de diversos outros bairros, cidades, estados, países, o Sarau da Onça acontece aos sábados à noite, em encontros quinzenais, no Anfiteatro Abdias Nascimento, dentro do Centro de Pastoral Afro Padre Heitor (CENPAH). No mesmo espaço se realizam ainda oficinas, lançamento de livros, exibição dialogada de filmes, performances e ali funciona também o Curso Pré-Vestibular Santa Bakhita, com aulas ministradas por parceiros do Sarau da Onça. Além das ações realizadas no CENPAH, o Grupo Ágape circula também pelo estado e pelo país participando de outros saraus e oferecendo também recitais e oficinas de poesia em universidades, igrejas, escolas etc.

Dado que a dinâmica dos saraus contempla sempre a participação de poetxs/artistas de outros bairros/coletivos, no Sarau da Onça tive a oportunidade de conhecer outros grupos e coletivos da cidade, alguns deles inspirados pelo que vi(ve)ram ali em Sussuarana. É do mesmo bairro o Sarau da Laje (2017), composto por crianças e que segue na mesma pegada da poesia preta das/nas periferias. De novo: temos novas e potentes gerações se formando nestes espaços ignorados pelas escolas e instituições afins...

A cena foi se fortalecendo e aqui e ali eu ficava sabendo da existência de um novo grupo. Recebia convites para conhecer e, mesmo quando não era convidado, eu pesquisava, sabia de alguém e “colava”. Nessa caminhada, recebi também pedidos de informações sobre como criar e manter um sarau; ajudei a fundar alguns e dei apoio na divulgação através do blog Saraus de Poesia em Salvador.⁹

Impossível dar conta de uma cena tão diversa, dinâmica, numerosa e tão intensa. Difícil também evitar o catálogo e apresentar uma lista infinita de coletivos e de espaços onde acontecem os saraus sem poder nos deter em cada um deles. Desse modo, sugerimos uma visita ao blog para que se conheça um pouco mais do que rola hoje nesta cidade que faz publicidade do sorriso e da felicidade e que no mesmo gesto esconde o sangue, o suor e as lágrimas. Ao mapeamento realizado pelo blog Saraus de Poesia em Salvador somou-se a partir de 2016 o projeto Rede ao Redor, mencionado acima, na nota de rodapé número 3, que vem realizando também uma cartografia de iniciativas idealizadas/lideradas por jovens de bairros periféricos de Salvador – particularmente aquelas que se dedicam às artes, à comunicação e à cultura. Foram identificados até o momento pouco mais de 100 coletivos e em torno de 50 saraus nos mais diferentes bairros da cidade. Mencionamos aqui apenas alguns deles a fim de apresentar uma pequena mostra do

⁹ Disponível em: <<http://sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com/>> . Acesso em: jul. 2019.

que estes coletivos vêm realizando. Mas reiteramos a importância de que cada sarau, cada coletivo, seja acessado diretamente, sem intermediação alguma.

Num galpão das Fábricas do Estado, espaço industrial após a Rótula das Cajazeiras V, funciona o espaço da Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA), que, além do Sarau, mantém uma oficina de conserto de microcomputadores e reciclagem de material de computação, aulas de capoeira e oficinas diversas. O Sarau do Cabrito, no Alto do Cabrito, Subúrbio Ferroviário de Salvador, utiliza um pequeno prédio, onde funciona o grupo de teatro E² que ministra aulas de dança, teatro, capoeira, violão etc desde 1995. As atividades de sarau, em si, são mais recentes; começaram há aproximadamente dois anos. O Sarau da Raça, idealizado pelo Grupo de Capoeira Raça Salvador/Itapuã, busca, segundo seus coordenadores, “potencializar o trabalho de grupos culturais locais, dar visibilidade à cultura de rua, dita marginal, além de problematizar junto à comunidade as tensões que vivemos em comunidade cotidianamente, na tentativa de nos fortalecermos”. Além do sarau, o coletivo promove ainda, de forma itinerante, debates e vivências em música, teatro, dança.

O Coletivo ZeferinaS possui em sua formação oito jovens artistas do bairro de Cajazeiras, periferia de Salvador/BA. Inspiradas em Zeferina, líder do Quilombo do Orobú, usam a arte, em especial a poesia, como ferramenta de resistência, criando estratégias de subversão dentro da comunidade e realizando denúncias das violências vivenciadas pela população negra e periférica. Afinal, como diz Rool Cerqueira, integrante-fundadora do ZeferinaS e coautora deste texto, “se for preto, favelado, 23h, o fardado não alivia pra você.” (ROOL CERQUEIRA, p. 134).

Em 2017 surgiu também um movimento denominado “A Arte Invade”, seguido do nome do lugar que será “invadido” com poesia e outras artes. Pelo menos três edições já aconteceram: A Arte Invade a Vila (Vila Verde, Estrada Velha do Aeroporto), A Arte Invade a Olaria (localidade do nordeste de Amaralina) e A Arte Invade a Baixa (localidade do Novo Horizonte/Sussuarana). Também da nova safra há o Coletivo Pé Descalço (2017), que faz apresentações itinerantes (Escadaria do Paço e Praça da Cruz Caída, por exemplo, no Centro Histórico de Salvador) e o Sarau Solte a Voz, que ocupa o vão central da Praça do Imbuí a cada um ou dois meses. Os Coletivos Pega Visão e InVerso, de Sussuarana, fazem batalha de rimas a cada quinze dias, às sextas-feiras, na esquina da Avenida Ulisses Guimarães com a entrada do Novo Horizonte.

As atividades de quase todos os grupos e coletivos são bancadas pelos próprios poetas e artistas participantes, com eventual apoio do comércio local. A maior parte dos coletivos não tem espaço fechado onde se apresentar, nem tem como bancar despesas de água, luz e manutenção. Resta o espaço público, como é, por exemplo, o caso do Bairro da Paz Vive (2017), no Bairro da Paz, que reúne grafiteiros, *rappers*, poetas e artesãos na Praça do Popular, uma pracinha na entrada

do bairro, onde se apresentam a cada quinze dias. Outros coletivos atuam fundamentalmente em transporte público: ônibus, trens, metrô e ferryboat. Este é, por exemplo, o caso do Grupo Poesia em Trânsito, formado em 2012 por artistas de diferentes linguagens, e do Grupo de Poesia Resistência Poética – formado em 2014 por oito jovens de diferentes bairros de Salvador – que, embora circulem também pelos diversos saraus na cidade, além de escolas e universidades, priorizam surpreender sensibilidades que transitam nos transportes públicos. Mas os coletivos estão também em praças, ruas, salas de aula, bibliotecas comunitárias, mercados. Enfim, poesia em toda parte. Como tônica recorrente em todos estes coletivos está a presença potente da palavra falada. Na melhor tradição dos griôs, poetas *pretxs periféricxs* dizem seus poemas em alto e bom som, muito raramente recorrendo à leitura, numa celebração da palavra que é também exercício ritual de memória coletiva. E de mobilização, de coesão comunitária.

Em paralelo e em estreita sintonia com os saraus, os *slams* (campeonatos de poesia falada) são outra das iniciativas que vêm ganhando corpo nos últimos anos. Vinculados à cultura *hip-hop*, os *slams* teriam surgido nos anos 1980 nos Estados Unidos e aportado nestas latitudes nos anos 2000. No Brasil, estão ainda concentrados no eixo Sudeste, fundamentalmente São Paulo e Rio de Janeiro, mas contam com poetas de diversos outros estados – que se encontram a cada ano em competições nacionais: os Slam BR. O protagonismo feminino é outro aspecto central a ser destacado nesta cena. Se a presença feminina nos saraus iniciou sendo relativamente discreta, hoje são incontáveis as iniciativas idealizadas e protagonizadas por mulheres. Neste sentido, o Slam das Minas – que teria tido sua primeira edição no Brasil em 2015, no Distrito Federal – rapidamente se espalhou pelo país e hoje conta com representantes das mais diferentes regiões. Recomendamos, aliás, uma visita ao site do projeto Margens (www.margens.com.br), desenvolvido pela jornalista, pesquisadora e ativista Jessica Balbino. Trata-se, como explica a autora, de um esforço por mapear mulheres na literatura marginal/periférica no Brasil. Em Salvador, o Slam das Minas–BA foi criado no bairro do Cabula, em 2017, no simbólico mês de março e, segundo Dricca Silva, Fabiana Lima, Jaqueline Nascimento e Ludmila Laísa,¹⁰ suas idealizadoras, busca ser um “espaço de visibilidade e fortalecimento das artistas da cena local, visando superar em nível pessoal e coletivo a discriminação e o preconceito. Bem como buscar alternativas que proporcionem o protagonismo das mulheres negras e periféricas no meio cultural.”¹¹ E, de modo similar ao que se adverte em diversos

¹⁰ Ludmila (Singa) Laísa é, aliás, uma das protagonistas de “Desembranquecer”, um dos vídeos veiculados durante o mês de agosto de 2018 pela TV Educativa Bahia. Trata-se de uma série de interprogramas intitulada Juventude Negra, que tem como foco a discussão pública sobre a discriminação racial e o genocídio.

¹¹ Disponível em: <facebook.com/slamdasminas.ba/> . Acesso em: jul. 2019.

outros coletivos, o Slam das Minas-BA acolhe, além da poesia preta periférica, ações diversas que incluem ainda rodas de conversa, roda de capoeira angola, exibição dialogada de documentários, tudo organizado sobretudo por mulheres.

Os Slams da Capital, tal como nos relata Rool Cerqueira, já levaram *inúmerxs* poetas de Salvador para fora do Nordeste para representar o trabalho que se faz aqui. Entre *essxs* encontram-se Fabiana Lima (Slam das Minas), vice-campeã do Slam BR 2016, Kuma França (Coletivo ZeferinaS), terceiro campeão do Slam BR 2017 e vice-campeão, junto a Evanilson Alves (Sarau da Onça), do Slam BR 2017.

A presença de mulheres negras nesses espaços vem gerando uma significativa transformação no cenário negro ativista. Suas lutas coletivas para melhorias de toda a comunidade negra, o enfrentamento nas lutas antirracistas e sua caminhada para a superação das opressões de classe e de gênero vêm sendo uma espécie de ímã que aproxima e move cada vez mais outras mulheres para o protagonismo, seja na poesia como em outros campos da arte e da vida.

Neste sentido, cabe destacar ainda o trabalho que vem sendo realizado por La Frida, uma iniciativa idealizada e coordenada por um coletivo de cicloativistas negras que “une bicicleta a arte de rua, estimula a representatividade feminina na mobilidade urbana, ampliando as vozes das mulheres negras, ocupando espaços, sendo a *bike* um instrumento de empoderamento e transformação na sociedade”. De acordo com suas integrantes, tem como objetivo “incluir e fortalecer a mobilidade nos planos de transporte das mulheres, sendo também uma ferramenta para emancipação da mulher na sociedade.”¹² La Frida iniciou suas atividades em 2015 com o projeto “Preta, vem de *bike*”, que ensina mulheres negras a pedalar. Mas quem se aproxima dessas pretas de *bike* descobre logo que pedalar é verbo que abriga camuflados muitos outros propósitos. Afinal, com as *bikes* circula também pela cidade o Sarau La Frida, que de forma itinerante

semeia poesia e a poesia negra musicalizada [...] valorizando o poder feminino negro, da comunidade negra, fazendo recorte racial para reportar o racismo e a violência de gênero, para denunciar o machismo [...] o genocídio do povo negro, o feminicídio. [...] É uma iniciativa de incentivo à literatura e à leitura poética, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento literário nos centros culturais urbanos, principalmente periféricos.

(www.lafridabike.com)

Hoje, três anos após, com diversas ações realizadas, e tendo recebido prêmios como o Mobilidade 2017 e o Frida Fund, Las Fridas contam com espaço físico

¹² Disponível em www.lafridabike.com. Acesso em: jul. 2019.

próprio – a Casa La Frida, uma casa azul no beco da Agonia, bairro da Saúde, Salvador, onde funcionam também um café e uma oficina para *bikes*. Ali oferecem também espaço para eventos, além de assessoria e consultorias a projetos sociais voltados à periferia e às mulheres negras. E de Salvador La Frida levou seu projeto “Preta, vem de bike” (junto com o “Pretinha, vem de *bike*”, projeto similar, voltado para crianças) a diversas outras cidades brasileiras. Hoje são mais de 20. E, de acordo com matéria publicada no *Huffpost Brasil*,¹³ Las Fridas estão entre as dez iniciativas contempladas pela Vale do Dendê – incubadora e aceleradora de projetos também idealizada por jovens das periferias de Salvador – e deverão lançar em breve sua própria bicicleta.

“Reparou o que pode a poesia preta, periférica? Reparou o quanto ela é ímã que aproxima e move? Pois repare “o quanto ela gira o quanto ela gera / O quanto ela cura.../ O movimento é ela!” (Jamilé Santana / “Ela movimenta”).

Salvador > saraus > quilombos: nossos muitos outros centros

Salvador. Primeira Capital do Brasil. *Salcity*. Sol, praia, carnaval, Salvador. Cartão-postal. Sim. Mas Salvador é também lugar onde certos corpos são “abordados compulsivamente pelos fardados” (PRETO DISGRAÇA, p. 126), corpos com “medo de ser só mais um na mão da PM.” (PEDRO ZAKI, p. 125) PM que “na Orla faz proteção, na favela faz sentir dor; [e cujo carro traz] ironia escrita na lateral: ‘pacto pela vida’... de quem, se nesta história sempre fui refém?” (LUCAS SILVA, p. 100).

“Bem-vindos à minha cidade / SALVA A DOR de quem pode pagar...” (DRICCA SILVA, p. 45). Salvador, cidade onde o “túmbeiro hoje é Ranger azul e branco que leva preto de volta pra senzala / as chicotadas nas costas / carrega a atualidade dos becos / as tapas na cara / onde o que se vê pela opressão se cala/ [...] Quantos Kings morrem de bala antes de serem ouvidos? / quantos Mandelas na Peri são confundidos com bandido? Quantas Dandaras são violentadas? Quantas Assata Shakur são exiladas?” (INDEMAR NASCIMENTO, p. 69-70). Afinal de contas, “a PETO não mata traficante que mora no Corredor da Vitória, então não se iluda: a polícia da favela não é a mesma da Pituba; e espero que vocês não tenham esquecido a chacina do Cabula.” (LUCAS SILVA, p. 100-101)

Elaborado por *pesquisadorxs vinculadxs* ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o *Atlas da Violência de 2018* confirma: continuamos assassinando nossos jovens. O Brasil atingiu em 2016 a marca de 62.517 assassinatos, número de casos que “consolida uma mudança de patamar nesse indicador (na ordem de 60 mil a 65 mil casos por

¹³ “La Frida Bike: Quando andar de bicicleta se transforma em busca pela autoestima”, disponível em: <https://goo.gl/WNLjdL> . Acesso em: jul. 2019.

ano) e se distancia das 50 mil a 58 mil mortes, ocorridas entre 2008 e 2013.”¹⁴ Houve, portanto, um aumento de 23,3% no número de jovens assassinados entre 2006 e 2016. Destes 62.517 assassinatos, 33.590 são de jovens. E desse total, 94,6% são do sexo masculino. O homicídio é, portanto, a principal causa das mortes de jovens entre 15 e 29 anos. Em relação à taxa de homicídios nas capitais brasileiras, a média nacional é de 30 mortes por 100 mil habitantes. Pois bem, Salvador ocupa o quinto lugar, com uma taxa média de 61,7 mortes por 100 mil habitantes, atrás apenas de Rio Branco (63,4), Natal (70,6), Aracaju (76,5) e Belém (77,0). Das cinco cidades mais violentas do país (cidades com mais de 100 mil habitantes), quatro estão na Bahia. E neste quadro, todas as pesquisas¹⁵ reiteram – uma e outra vez – que “a carne mais barata do mercado [continua sendo] a carne negra”:

é como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. (CERQUEIRA, 2018, p. 40)

E quando se trata de mulheres negras, o quadro não é muito diferente... Nesse mesmo período (2006 a 2016), a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras. Ainda segundo o Atlas da Violência,

em vinte estados, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu no período compreendido entre 2006 e 2016, sendo que em doze deles o aumento foi maior que 50%. Comparando-se com a evolução das taxas de homicídio de mulheres não negras, neste caso, houve aumento em quinze estados e em apenas seis deles o aumento foi maior que 50% (CERQUEIRA, 2018, p. 51)

Ou seja, essas pesquisas apenas reiteram o que as quebradas sabem há décadas: este país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, tem se especializado no extermínio de sua juventude. Negra, sobretudo. E junto com a crônica indignada dos atropelos todos, junto com as estatísticas que jamais dão conta do que vivem (e morrem) estes corpos que o sistema descarta, poetas – *aquilombadxs* – tecem memória, juntam a digna raiva para falar de

pretas, preteridas, feminicídio, menos uma na lista: Helem Moreira

¹⁴ Dados apresentados nos capítulos “A evolução dos homicídios no Brasil, Regiões e Unidades Federativas” e “Juventude Perdida”, em: CERQUEIRA, 2018, p. 21-32.

¹⁵ E aqui se incluem – além do *Atlas da Violência* – o *Mapa da Violência*, o *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência*, o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* e tantos outros.

pretas, preteridas, feminicídio, menos uma na lista: Claudia arrastada [...] necropolítica para preto e pobre.
Cuidado: você pode ser o próximo da lista
(FABIANA LIMA, p. 51)

Uma lista que, como nos conta Ayran Reis, apenas aumenta, se torna rotina:

Eu morri junto aos 13 do Cabula.
Eu tava lá quando a Síria foi atacada.
Eu fui com os 5 do Arenoso,
com os 18 de São Paulo
e com os 400 e tantos de todos os dias [...]
(AYRAN REIS, p. 26)

Indignados registros de um “país LGBTfóbico, machista e racista”, conforme versos de Lislia Ludmila – que, aliás, ante as estatísticas todas, alerta: “se prepara que nós tá na pista/ nós subimos as ladeiras, descemos o morro/ porque cansamos de só gritar socorro [...] Somos milhões de bichas pretas, trans, bi, não binários, sapatão, travesti/ chegamos pra acertar as contas” (p. 95-96). Bem longe de se limitar a “contar os corpos”, estamos ante vozes que se insurgem nos saraus e nas ruas contra a negação da vida. Resistências. Não aquelas dos nefastos autos. Mas reexistências.

Como disse em outro canto (BONFIM, 2017), saraus são espaços privilegiados de sensibilização estética, de entretenimento e de formação (política, cidadã, humana). Espaços onde a raiva digna se transforma em alegre e combativa rebeldia. Herdeiros diretos das posses do *hip-hop*,¹⁶ saraus são com frequência vividos, experimentados como quilombos urbanos que são. Localizados de um modo geral em bairros com escassa ou nula oferta de atividades e de equipamentos culturais – bairros nos quais nem sequer as escolas públicas se assumem ou são vistas como centros culturais –, saraus são realizados muitas vezes, como se viu acima, em salões, em bares, becos, ruas, praças, transportes públicos. Celebração coletiva, pública, da palavra, saraus são também espaços nos quais uma das premissas fundamentais é a escuta atenta, o respeito pela palavra *dx outrx*, pelo ser *dx outrx*. Espaços que contemplam, acolhem vozes, gerações e trajetórias diversas: estudantes, *donxs* de casa, *trabalhadorxs*, *batalhadorxs*. Poetas são *todxs* e são *muitxs*. *Publicadxs* ou não. Saraus são espaços onde se ouvem e se vivem tanto versões pessoais do *pretuguês* de Lélia Gonzalez quanto diversas outras subversões à ex-língua pátria, quem sabe agora mátria, posto que – anárquica e “nunca mais

¹⁶ “Posses” são núcleos ou coletivos formados por artistas do movimento *hip-hop* e que desenvolvem ações de formação política e estética, além de eventos diversos relacionados ao movimento.

subordinada” (AMANDA DENIS, p. 20) – se revela também tributária daquela tal “contribuição milionária de todos os erros” reivindicada há quase um século nestas latitudes.¹⁷

Saraus são também lugares nos quais versos subvertem estigmas. Ali, marcas com as quais historicamente se buscou (e se busca ainda) desqualificar lugares, pessoas, saberes, inauguram sentidos outros nos canto-poemas que se vivem nos saraus e em seu entorno. Nos saraus, poetas, “traficantes de informação”, “deschavam mágoas” (KUMA FRANÇA, p. 90) e disparam “com o pente carregado de palavra / na direção da burguesia.” (ROOL CERQUEIRA, p. 134).

Além de terem se firmado como espaços de fruição e de convivência comunitária, como espaços onde reconhecer-criar-viver pertencimentos, saraus são também espaços a partir de onde pensar-se. Territórios de reexistência, saraus são quilombos urbanos, Kalakutas de Abya Yala. E aqui vale a pena fazer breve pausa para pensar no sentido fecundo de noção tão potente como a de quilombismo. Tal como pensado por Abdias do Nascimento, quilombismo seria uma “consciência de luta político-social”, uma “ideia-força”, uma “energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV.” A noção de quilombismo alude a um modo outro de entender

formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitavam sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés [*sic*], escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. (NASCIMENTO, 2009, p. 203)

¹⁷ A propósito dessa noção de “erro”, da escrita escolarizada e de todos os postulados do letramento hegemônico, vale a pena ler o trabalho realizado por Adriana C. Lopes et al. sobre o que chamam de “letramentos de sobrevivência”: “jovens que foram subalternizados pela modernidade não se entregam pacificamente à escrita, mas dela se apropriam, transformando seus significados, constituindo-se como autores de suas próprias histórias e reinventando formas de sobreviver culturalmente.” (LOPES et al., 2018, p. 700)

Dizer, portanto, que saraus são quilombos não é mera força de expressão. Saraus são “treta de campo minado / tipo Canudos, Contestado / contestamos o Estado / da Chibatada, da Armada, dos Malês / da Cabanagem” (KUMA FRANÇA, p. 91). Saraus abrigam poetas mandingueirxs que entoam: “você se fuderam / não era dança no mato cortado / capoeira, força, fé, esperança / abayomi para nossas crianças/ trança nagô” (INDEMAR NASCIMENTO, p. 69). Saraus – e as demais iniciativas que mencionamos aqui, “não importam as aparências e os objetivos declarados” – são também (e sobretudo) “genuínos focos de resistência física e cultural.” Mas mais, muito mais do que isto: interessa destacar que estamos falando de iniciativas, de dinâmicas, de ações que vão muito além da resistência. Falamos aqui de uma mudança substancial na abordagem e na compreensão destes processos. Tal como aponta o porto-riquenho Ángel Quintero Rivera em seus estudos sobre os negros livres das Antilhas, em paralelo, simultaneamente à “defensiva resistência”, houve / há uma verdadeira e intensa “ofensiva cultural” (QUINTERO RIVERA, 2002, p. 136) – o que não apenas nos desloca de uma perspectiva de caráter mais reativo: nos oferece – sobretudo – uma fecunda chave de leitura para compreender a potência do que está em curso hoje nas periferias destas latitudes.¹⁸ Saraus, como vimos acima, são talvez a cara mais visível de uma ofensiva que atua em diversas frentes. De modo similar ao que ocorre em outras latitudes do país, é comum nesses espaços encontrar à venda também roupas, CDs, objetos, acessórios diversos – todos produzidos a partir de iniciativas independentes, autônomas, que tanto representam criativas saídas para a geração de renda, quanto valorização da quebrada – e da autoestima. Mas o que muitas outras alegrias têm gerado é a publicação em livro dos poemas que se ouvem, se vivem nos saraus. Nome e foto estampados no jornal. Mas nos cadernos culturais. E é Valdeck Almeida de Jesus quem nos conta que, através do selo editorial Galinha Pulando, tem publicado a obra de *diversxs* desses poetas das periferias da capital baiana. Algumas dessas edições, como se verá, foram realizadas com recursos públicos, através de editais de fomento à produção artística e literária – que é, aliás, outro aspecto a se sublinhar, posto que, embora escassos, os recursos públicos para essas publicações vêm representando uma discreta mudança no cenário. Mas que se registre também que esse processo é sobretudo resultado não da suposta generosidade do poder público, mas da presença *destxs* poetas, artistas, nos Fóruns e Conselhos onde se discutem as políticas públicas para as artes.

Assim, em 2014, o Sarau da Onça ganhou um prêmio literário da Fundação

¹⁸ E também em muitas outras latitudes, se considerarmos os dados trazidos por Mike Davis em seu livro *Planeta favela* (2006), e os resultados do projeto “A reinvenção da emancipação social”, dirigido por Boaventura de Sousa Santos, que estudou – a partir de pesquisas em países como Moçambique, África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia e Portugal – o que ele chamou de “globalização alternativa” ou contra-hegemônica, que vem sendo produzida a partir de baixo. (SANTOS, 2010, p. 1)

Gregório de Mattos, da Prefeitura Municipal de Salvador. Além de um grande festival de arte e cultura, com oficinas de poesia, dança, grafite e cordel, houve um concurso literário que resultou no livro O diferencial da favela: poesias da quebrada, que saiu pela Editora Galinha Pulando. Este livro teve lançamento amplamente divulgado pela mídia impressa, rádio e TV, e teve ainda lançamento na Bienal Internacional do Livro de São Paulo e também na Suíça. O livro foi apresentado ainda durante o Parlamento Internacional de Escritores da Colômbia, no qual sou Embaixador. A repercussão foi grande e deu bastante visibilidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido em Sussuarana. No mesmo ano, o Grupo Ágape lançou, pela mesma editora, a obra A poesia cria asas, com os poetas do coletivo. Em 2016, outro edital, desta vez da Fundação Cultural do Estado da Bahia, permitiu a segunda edição do festival, bem como a publicação de mais um livro: O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada, também editado pela Galinha Pulando. Sandro Sussuarana, já experiente na gestão de projetos culturais e incentivado pelo grande sucesso dos livros do sarau, lançou, também pela Galinha Pulando, o livro solo Ver(sos) sob(re) mim, que foi vendido em tempo recorde. Evanilson Alves, também do Sarau da Onça, se animou e já reuniu textos e tem seu primeiro livro solo, já no prelo. De outros coletivos, vale destacar Pássaro preto, livro de Mil Soul, integrante do Coletivo Boca Quente, que atua em itinerância, em uma mescla de show poético e musical. O livro saiu pela Cogito Editora (2016). O Sarau Enelescência, que se apresenta na Casa de Angola, na Baixa dos Sapateiros, Centro Histórico de Salvador, lançou – com recursos de um edital de cultura da Fundação Gregório de Mattos – a Antologia Enelescência, pela Editora Ogum's Toques (2016), com poemas também selecionados através de concurso. O Slam Força Feminina, organizado por Evanilson Alves, 236 dentro da unidade feminina da Fundação da Criança e do Adolescente – Fundac, teve várias edições de batalhas poéticas. As meninas, socioeducandas, competiram dentro do Slam da Onça e levaram a premiação. Essa experiência resultou numa edição especial do Prêmio Galinha Pulando de Literatura e produziu o livro Força feminina: a poesia que liberta (2018), com texto de internas, lançado no foyer do Teatro Castro Alves.

Além dessas iniciativas, estão no prelo, pela Editora Galinha Pulando, os livros *Poeta com P de Preto: relatando as mazelas e alegrias do gueto*, de Rilton Junior; *Amar em silêncio dói pois amar é um sentimento que não pode ser contido*, de Kuma França; e, por outra editora, *Agô: minha alma é meu verdadeiro corpo*, de Indemar Nascimento. Os poetas Rilton Junior, Indemar Nascimento e Geovane Sobrevivente têm produzido também CDs com poemas declamados e/ou musicados. *Outrxs* poetas têm produzido livros artesanais – a exemplo de Taíssa Cazumbá, que publicou *Poesias sazonais* – além de microlivros e livretos, os quais são vendidos em saraus, recitais em ônibus ou em praças públicas. Outra publicação recente foi o livreto *Transe poético* (2016), do coletivo Poesia em Trânsito, que teve 50 mil exemplares

patrocinados também por edital da Fundação Gregório de Mattos. E mais recentemente, publicamos o livro *Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana* (Galinha Pulando, 2018), aprovado na 1ª Chamada Calendário das Artes 2017, Fundação Cultural do Estado e Secult-BA, e que reúne 102 poetas participantes de saraus e slams de poesia das periferias de Salvador e que, como dissemos acima, foi de onde saíram os poemas que nos acompanham neste escrito. Vale destacar ainda que a capa e a contracapa desta antologia foram feitas a partir das artes de Marcos Paulo Silva, um dos coordenadores do Sarau do Jaca, poeta e arte educador e de Alisson Chaplin, também poeta, ator, artesão, tatuador e artista visual, membro do Grupo de Arte Popular A Pombagem – ambos com poemas incluídos também nesta antologia que dá conta, como vimos, de escrevivências, de raivas dignas e de alegres rebeldias. Mas que, para além de narrar suas tantas batalhas, também dão conta da bagagem de leituras desta galera cheia de fome de mundo, de vida. Feito Lidiane Ferreira, que em seu “Retrato” revisita e atualiza Cecilia Meireles: “eu não tinha esse rosto de hoje / tão altivo, enegrecido”. (p. 94) E o que numa foi sobretudo crise existencial, em outra é “punho-vulcão” que ampara suas dores e reafirma – altiva – seu ser negra. Feito Guy Falcão – cujo José – um homem simples “daquele que trabalha-a-dor” – é “diferente e igual” ao “José” de Drummond. (p. 61). Feito Preto Jhoy, que na melhor tradição das agudas ironias, informa: “vim do futuro/ ano 2145/ existe mesmo água em Marte/ e eles preferem absinto// Tecnologia livre/ conhecimento restrito/ alguém avisa pro Platão/ que a caverna não era um mito” (p. 81). Ou feito essa constelação de sentidos pairando ao redor dos versos de Rafael Pugas, que indaga-e-faz-pensar: “que importa a casca? [...] a vida é tão breve, a aparência tão curta” (p. 128). Versos em que ecoam antigas indagações (bíblicas, medievais ou barrocas) sobre as vaidades todas, sobre o tempo e sobre os rumos da vida breve. Mas que dão conta também – e talvez sobretudo – de como se pensam / se vivem negras vidas breves nestas quebradas. Vidas que nasceram “com uma cor que dizem ser ruim”; vidas cuja história “está muito mal contada”: “na escola me contaram que fui escravizado, que não houve resistência, já estava tudo dado”. Mas acontece que estas vidas de que nos fala em seu poema Marivaldo Gomes Gonçalves “não se renderam à sina de ser escravizados/ resistiram nos quilombos, amontoados, juntos / lutando sempre lado a lado” (p. 113). E seguem. *Aquilombadx*s. Tecendo memórias, tramando ofensivas, reexistindo. Feito o que acontece, por exemplo, na Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru, organização autônoma e quilombola, batizada com os nomes de duas das destacadas lideranças negras que viviam em antigos quilombos do Cabula. Lideranças que iluminam, que guiam, abençoam, inspiram. Criado em 2013 e situado no bairro do Arenoso, Salvador, esse centro comunitário conta com uma horta mantida *pelxs moradorxs* do bairro, aulas de capoeira, boxe e diversas outras atividades de aprendizagem livre – baseadas, fundamentalmente, na Pedagogia, de Allan da Rosa. Além, é claro, dos

saraus. Saraus nos quais se ouvem, entre outros, versos de Pedro Maia: “...na Biblioteca Zeferina [...] ocupamos um prédio sem ter que pagar imposto/ fizemos uma biblioteca e uma horta comunitária / e o meu sonho é ver isso em várias áreas” (p. 123). Ideias, sonhos, projetos, ofensivas que ganham corpo e cor e vida e se disseminam, se espalham por uma cidade que em muito breve terá que revisitar, boquiaberta, a famosa canção desse outro baiano que em outro contexto advertia que esse outro mundo que aqui se insinua surpreenderá a todos: “não por ser exótico/ mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto / quando terá sido o óbvio.”

E junto com os saraus, há diversas outras ofensivas em curso. Mas, você sabe, acontece que estamos falando de histórias que “do vigésimo andar não dá pra ver”... (PEDRO LUCAS, p. 122). É preciso chegar perto, é preciso colar, se juntar para (vi)ver de perto, por exemplo, o *Caldeirão Cultural, Festival de Artes do Subúrbio Ferroviário* – um festival organizado pelo Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio Ferroviário de Salvador, que há doze anos realiza – de modo autônomo – esse encontro com a mais que vigorosa cena artístico-cultural daquela região. Com a participação de mais de 20 grupos artísticos e uma programação que pela diversidade e pela qualidade desconcerta desavisados, a 12ª edição do *Caldeirão Cultural* aconteceu em diferentes espaços, entre eles o Parque São Bartolomeu e o Centro Cultural Plataforma, que são dois lugares de referência na região. Tanto o Subúrbio Ferroviário quanto o Nordeste de Amaralina (complexos que abrigam vários outros bairros) costumam ser tratados pela mídia como bairros perigosos, violentos. Evidentemente, são bairros que têm, como de resto hoje quase toda a cidade, todo tipo de problemas. Mas em contraponto à recorrente estigmatização da pobreza praticada ostensivamente pela grande mídia, surgem projetos como *Nordeste eu Sou*, iniciativa de jovens do bairro que tem como propósito “desfazer o mito de que a comunidade do Nordeste de Amaralina é dominada pelo crime, divulgando ações de esporte, lazer e entretenimento dentro da comunidade bem como notícias externas que direta ou indiretamente possam beneficiar a população da mesma.” (nordesteusou.com.br). De modo similar, e também dedicados à comunicação pensada sempre a partir de uma perspectiva que se define como “periferia de dentro pra fora” (*slogan* do coletivo), jovens do bairro de Sussuarana criaram em 2010 o Mídia Periférica, que busca promover o “sentimento de pertencimento, sobretudo nos jovens das periferias, e estimular o protagonismo e participação social, contribuindo com transformações e desenvolvimento local” (midiaperiferica.blogspot.com.br). Também o Instituto de Mídia Étnica atua com projetos diversos que têm como objetivo “assegurar o direito humano à comunicação e o uso das ferramentas tecnológicas pelos grupos socialmente excluídos, especialmente a comunidade afro-brasileira” (midiaetnica.ning.com). Com preocupações e motivações similares, o Coletivo Cutucar, idealizado e liderado por

jovens artistas moradores de diferentes bairros de Salvador, vem realizando desde sua criação (2012) uma série de intervenções artísticas comunitárias junto a *moradorxs* do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Assumindo-se como “guias diferentes”¹⁹ de sua quebrada, *essxs* jovens realizaram em 2016 o projeto *Mocambos marginais*, que “entre becos, blocos e barracos” tornaram inusitadas as rotinas habituais: para surpresa de quem passa apressado pelos dias, pelo cotidiano que embota sensibilidades, o projeto traz registros fotográficos e poéticos de quem jamais se imaginou protagonista de uma mostra como aquela. E no seu próprio bairro. *Mocambos marginais*: cento e cinquenta fotos feitas em oito comunidades do Subúrbio Ferroviário + poemas nos quais se convoca a beleza necessária da pausa. Muros e paredes de casas forradas de fotografias de *moradorxs* locais: outros retratos, convite a miradas outras para aquilo que as TVs pintam como espaços – para além de perigosos, sujos e feios – desbotados e precários. Em 2018 o Coletivo organizou ainda a exposição “Mocambos – olhares cotidianos”, que traz trabalhos que são resultado de oficinas de foto-poesia e outras vivências que o coletivo realiza junto a jovens moradores do subúrbio. Também da indignação pelo modo estereotipado como são vistos / narrados bairros periféricos, seus habitantes e suas histórias, surge em 2010 o Acervo da Laje – projeto idealizado *pelxs educadorxs* Vilma Santos e José Eduardo Ferreira. Recorrendo a espaços disponíveis na própria casa, no bairro de São João do Cabrito, *essxs educadorxs* reuniram no Acervo da Laje uma muito significativa mostra do que constitui a memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário. Além de cartografar a produção artística dessa região da cidade, o projeto realiza uma série de ações culturais / educativas – que incluem, por exemplo, visitas guiadas ao acervo que conta hoje (entre fotos, quadros, livros, discos, esculturas, azulejos, etc) com mais de 4 mil peças. Em 2016, com a realização do #Ocupa Lajes, o projeto ocupou lajes e espaços em diversos outros bairros da região com exposições itinerantes, oficinas e bate-papo sobre artes. Projetos que, nesses gestos, ajudam a escrever alguns dos tantos capítulos faltantes nas histórias que nos contamos sobre esta cidade, sobre este país.

Tendo tido que viver historicamente a dupla condição de “depósito do excedente humano produzido pela fase atual do capitalismo” e “locais de esperança” (REYES, 2013, p. 237), as quebradas têm há tempos investido mais nesta última. São locais de esperança, feito os vaga-lumes da metáfora proposta por Didi-Huberman: ante “a luz feroz dos projetores do fascismo triunfante” (2011, p. 28), os pequenos, discretos, movimentos luminosos dos vaga-lumes terminam sendo lampejos de pensamento, terminam sendo essa dança que – mesmo fugaz e frágil – resiste ao mundo do terror (2011, p. 27). Didi-Huberman falava da arte de Pier Paolo Pasolini em tempos de fascismo. Mas também nesta cena que abordamos é possível

¹⁹ Esta e as demais menções – feitas entre aspas – ao Coletivo foram extraídas de sua página no Facebook: <https://www.facebook.com/ColetivoCutucar/>.

reconhecer aqui e ali contornos de

uma maneira anarquista [...] de desconectar a resistência política de uma simples organização de partido. Uma maneira de não conceber a participação segundo o modelo único de uma ascensão à riqueza e ao poder. Uma maneira de considerar a memória – gíria, tatuagens, mímicas próprias a uma determinada população – logo, o desejo que a acompanha, como tantas potências políticas, como tantos protestos capazes de reconfigurar o futuro. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 35)

Potências políticas capazes de reconfigurar o futuro... Alguém aí se lembrou, por exemplo, de Milton Santos, que nos falou há alguns anos da “revanche da periferia”? Ou do que Majid Rahnema e Jean Robert (2011) identificam como “a potência dos pobres”? Em entrevista a Silvio Tendler, dizia Milton Santos que “combates silenciosos estão acontecendo nos bastidores da geopolítica mundial” (TENDLER, 2006). Isto significa então que existe sim outro mundo possível. E esse mundo “só poderá ser construído pelos atores de baixo: populações pobres, países pobres e continentes pobres.” (TENDLER, 2006). E um dos caminhos tem sido ocupar espaços historicamente interditados à parte expressiva da população. As universidades públicas, por exemplo. Precisamos acaso lembrar que num estado de *trabalhadorxs* que estudam, algumas de nossas universidades públicas apenas muito recentemente ofertam cursos noturnos? Portanto, senhoras, senhores, se rolezinhos incomodaram, se dividir espaços nos aviões (ou em qualquer outro canto) com esses “atores de baixo” inquietou tanto, se pretos e pobres nas universidades continuam causando tanto desconforto, talvez seja hora de ouvir, por exemplo, Jaqueline Ferreira:

Esse espaço eu continuarei a ocupar
E podem se preparar
Porque se depender de mim...
Pretos e pretas nas universidades não vão faltar!
Acho bom, Acho bom mesmo
Vocês se acostumar!
(JAQUELINE FERREIRA, p. 75-76)

Ou seja, como avisa Isadora Nascimento, “chegou a nossa hora/ agora é a nossa hora” (p. 71). Porque, afinal, como Fabiana Lima, “moradora do bairro de Sussuarana, poetisa, MC, artista de rua, produtora cultural, ativista, integrante do grupo Resistência Poética, idealizadora e produtora do Slam das Minas-BA, vice-campeã do campeonato brasileiro de poesia falada (2016), graduanda em enfermagem e angocapoeirista” (p. 51), há muitas crescendo nestas quebradas. Porque como Gisele Soares, “Rainha do Ilê Aiyê 2017, professora de dança pelo

Centro Cultural Edson Souto, agente cultural, diretora geral, coreógrafa e dançarina do conjunto de pesquisa e desenvolvimento da arte Negra Preta'ança, mentora do movimento comunitário Bazar da Deusa, poetisa, mãe de Ayomí Zuhri” (p. 58) ou como Evanilson Alves dos Santos, “um dos idealizadores do Sarau da Onça e do Grupo Ágape. Poeta, músico, articulador de juventude, produtor cultural, instrutor de teatro e poesia no Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino da Fundação da Criança e do Adolescente (Case/Fundac – BA), suplente no Colegiado Setorial de Literatura” (p. 50) e ainda como Davi Mariston, “poeta, músico, ator e produtor cultural. integrante do Grupo de Arte Popular A Pombagem e do Coletivo Arte Marginal Salvador, que vem realizando recitais poéticos e espetáculos de teatro de rua nas periferias da cidade, é membro do Movimento Popular de Teatro de Rua da Bahia, e faz parte do Conselho Municipal de Cultura no segmento Cultura Popular” (p. 42), como elxs, há muitxs se criando nestas quebradas.

E com *elxs* e por *elxs*, cânones são vividos de outros modos. Afinal, como adverte Ludmila Singa, “minhas vivências não cabem numa teoria eurocêntrica” (p. 102). Ou, nos versos de Kuma França: “é massa falar sobre Angela Davis / mas também quero ouvir sobre / Conceição Evaristo / Vilma Reis / Makota Valdina” (p. 89). Daí que nos poemas que se ouvem-vivem nos saraus de Salvador, entre “alguns dos guerreiros que podemos citar / na história distorcida que querem camuflar”, figurem “Martin Luther King, Nelson Mandela, Mahatma Gandhi, Maria Filipa, Luiz Gama, Luiza Mahin, Zumbi!” (MANO JACK; POETA NOITE, p. 104). Ou, para dizê-lo com Negreiros Souza: “Meu nome é Dandara, Aqualtune, Zumbi, Steve Biko, Lélia Gonzalez, Maria Filipa, Akotirene, Malcolm X, Luther King, Nzinga, Nelson Mandela... Prazer em conhecer, meu nome é Favela” (p. 118).

Num prólogo que preparou para a antologia *Poesia Favela in livro*, Érica Peçanha do Nascimento – falando a respeito da visibilidade obtida pela produção literária das periferias – observa que a partir dela

tem-se a possibilidade de rever os parâmetros críticos que determinam o que é boa ou má literatura, pois os escritores da periferia oferecem contribuições estéticas que não se encaixam nos cânones estabelecidos. Por enquanto, parece haver um reconhecimento mais político do que estético dessa produção, embora isto, por si só, estimule reflexões fundamentais, como o papel social das obras literárias, a universalização da escrita e da leitura, a necessidade da ampliação do número de leitores e o lugar dos grupos marginalizados na literatura brasileira. (NASCIMENTO, 2012, p. 22)

O desafio está posto. Talvez para *essxs* poetas, artistas, para essas vidas todas, importe bem pouco o debate sobre se o que fazem é literatura periférica, marginal ou divergente – *ocupadxs* que estão em produzir seus letramentos de

sobrevivência. Essa “galera ozada” (KUMA FRANÇA, p. 89) que hoje ocupa o centro desses tantos outros centros que há pela cidade, essa “galera ozada” que vem tingindo de preto as universidades, essa galera que ligeira move mundos e bota em xeque hegemonias, continua aquilombada nos saraus-quilombos de Salvador. Saraus que, como vimos, são espaços nos quais o mundo acontece na contramão dos atropelos cotidianos: lugares nos quais quem havia ouvido a vida inteira que não tinha voz conta agora com a escuta atenta de seus iguais. Se as estatísticas nos lembram de modo obstinado que continuamos assassinando *nossxs* jovens, saraus vêm sendo também territórios de esperança, de formação, espaços de amparo, de emancipação. Lugares onde se vivem, se praticam, se multiplicam quilombismos.

Referências

ALMEIDA DE JESUS, Valdeck (Org.). Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018.

BONFIM, Carlos. Merienda de negros: canto-contar(nos) outras histórias de uma negramérica. In: PEREIRA, Diana Araújo (Org.). Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 55-79.

CERQUEIRA, Daniel. Atlas da Violência 2018. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/kmEqG4>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DAVIS, Mike. Planeta Favela. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo Ed., 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

KUSCH, Rodolfo. Obras completas. Rosario: Editorial Fundación Ross, 2007.

LOPES, Adriana C. et al. Letramentos de Sobrevivência: costurando vozes e histórias. Revista da ABPN, v. 10, Ed. Especial – Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, jan. 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197-218.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Produzir, publicar e difundir: a experiência dos

escritores da periferia de São Paulo. In: FACINA, Adriana et al. (Org.). Poesia Favela in livro. Rio de Janeiro: Encarte, 2012.

ONU Mujeres. Prevenir los conflictos, transformar la justicia, garantizar la paz, 2015.

QUINTERO RIVERA, Ángel. Migración, cultura y ciudadanía: aportes al conocimiento recíproco y al patrimonio compartido. In: GARCÍA CANCLINI, Néstor (Coord.). Iberoamérica 2002: diagnóstico y propuestas para el desarrollo cultural. México: OEI, Santillana, 2002.

RELLSTAB, Clara. La Frida bike: quando andar de bicicleta se transforma em busca pela autoestima. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2018.

REYES, Alejandro. Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROBERT, Jean; RAHNEMA, Majid. La potencia de los pobres. Trad. Carmen Díaz-Aranda & Javier Calderón. Chiapas: Cideci/Unitierra, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. A gramática do tempo: por uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010. p. 93-135.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Vanise Albuquerque. Literatura e políticas públicas em Alagoinhas: outros modos de produção cultural. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Departamento de Educação, Campus II, Universidade do Estado da Bahia. Alagoinhas, 2012. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jailma dos Santos Pedreira Moreira.

WASELFIS, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Disponível em . Acesso em: jul 2019.

Filmografia

ENCONTRO COM MILTON SANTOS – ou o mundo global visto do lado de cá. Direção Silvio Tendler. São Paulo, 2006.

Publicado no livro:

Literatura e Periferias. Regina Dalcastagnè e Lucía Tennina (organizadoras). Porto Alegre-RS: Zouk Editora, 2019. Páginas 217/238

ISBN 9788580490862